

● VÍTIMA DE BALA PERDIDA NO TURANO

Família destruída

Enterro do corpo da menina Alice é marcado por muita comoção e revolta

● YURI EIRAS

yuri.eiras@meiahora.com

A esperança por um 2021 de paz no Rio cai por terra quando, no primeiro minuto da virada de ano, mais uma criança morre vítima de tiros. O corpo de Alice Pamplona da Silva de Souza, de 5 anos, foi enterrado ontem, sob forte comoção, no Cemitério do Caju, na Zona Norte. A menina foi atingida no pescoço, quando assistia à queima de fogos de artifício no quintal da casa da prima, no Morro do Turano, no Rio Comprido. No cemitério, a mãe da menina passou mal, na despedida de sua filha única, precisou ser levada para o hospital e não acompanhou o enterro.

A prima e madrinha, Mayara de Souza, gravava o foguetório quando Alice gritou e começou a chorar. “No vídeo, deu para ouvir o exato momento que ela tomou o tiro. Ela foi atingida no colo da mãe. Olhei para o corpo, não tinha visto tiro, no primeiro momento”, conta Mayara, que reforçou a versão de que não houve confrontos durante o dia. “O morro estava tranquilo, todo mundo feliz”.

Alice foi socorrida para o Hospital Casa de Portugal, também no Rio Comprido, mas morreu à 1h10. A menina foi ferida durante a queima de fogos, na virada do ano. A princípio, acreditava-se que o ferimento havia sido provocado por fogos de artifício, mas médicos constataram que a menina estava com uma bala no pescoço. A equipe psicossocial da Subsecretaria de Estado de Vitimados esteve no enterro e ofereceu atendimento psicológico e social para a família. Segundo a equipe, a pasta segue acompanhando o caso.



REGINALDO PIMENTA

Parentes e amigos participaram do funeral da menina Alice, que foi atingida por um tiro no pescoço, durante o Réveillon, no Turano

Pastor condena cultura de armas no país e uso irresponsável

• Enquanto o caso é investigado pela Delegacia de Homicídio da Capital, um pastor, Antônio Carlos Costa, da ONG Rio de Paz, questionou a cultura da arma de fogo no país e o uso irresponsável do instrumento. “Faz sentido a

cultura de arma de fogo? Nós brasileiros queremos um país armado, com cada cidadão portando uma pistola? O Rio não produz arma, nem munição. O que governo federal e estadual fazem para impedir a entrada de arma e

munição”, questionou, lembrando que, constantemente, crianças têm a vida interrompida por balas perdidas, não apenas em confrontos entre policiais e bandidos, mas em outros incidentes. “Agora, uma família dilacera-

da em mais um caso de menina pobre”, completou o pastor.

Dados da plataforma *Fogo Cruzado* mostram que durante o ano passado, 16 crianças foram vítimas de bala perdida na Região Metropolitana do estado. Cinco delas morreram.